2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 8. QUINTA FEIRA, 29 DE NOVEMBRO DE 1849. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

CARIDADE POPULAR.

111 Nesta parte da Revista em que, por vezes, se estudam os interesses phisicos do paiz, registaremos hoje uma solemne e grandiosa prova em favor do estado moral do nosso povo.

Não acreditamos em regeneração nenhuma social, quando não assenta na religião. Se temos esperança no futuro, é porque acreditamos que a fé arde ainda escondida no coração do nosso povo — e porque elle ainda se não envergonha de curvar o joelho ante o rei dos reis: — é porque na praça publica não hesita em invocar o auxilio de Deus, quando em cada dia vende o primeiro producto do seu trabalho: — é porque a doutrina do Evangelho não se lhe desapegou do coração em que gira sangue daquelles bons christãos de antigas eras, que, ao conquistarem terras para a patria,, conquistavam almas para Deus.

Ha quatro dias que a exposição da industria nacional patente ao publico, em beneficio dos Asylos da Mendicidade e da primeira infancia desvalida, prova plenamente o que é este povo tão facil de governar bem, e tão desgraçado por ter sido tão mal aproveitado.

O pensamento, que ha quatro dias reune em soccorro dos pobres velhos e da infancia desvalida a povoação de uma grande cidade, não pertence a ninguem — é de todos, está no coração de quantos acreditam na caridade como em um dogma e como em um principio constitutivo da sociedade.

Depois do que se tem passado, é impossivel citar nomes ao narrar tão magestoso e edificante espectaculo.

A exposição da industria fôra uma grande solemnidade do trabalho; o seu final é um grande festejo popular convertido todo em um acto de grande caridade.

O trabalho que, em logar da espada, engrandece ao presente as nações, devia prestar á velhice e á infancia este alto serviço.

Quantos invalidos do trabalho — quantos homens que prestaram á industria a sua vida por largos annos, vão agora ser soccorridos no Asylo da Mendicidade com o producto deste beneficio!

Quantas dessas desvalidas crianças que mãos caridosas asylam, recebem assim um soccorro de que se hão de lembrar quando para ellas começar a honrada mas laboriosa vida do trabalho!

O povo ainda entre nós não tinha sido convocado para uma obra de caridade. Os beneficios do theatro, os bailes, os bazares não pódem apresentar o caracter popular de uma exposição de industria franca a todos, sem excepção de nenhuma especie, mediante uma quantia diminuta, e tanto que muitos a julgaram insufficiente para se alcançar algum proveito em beneficio dos estabelecimentos, que se pertendiam soccorrer.

O povo comprehendeu o seu dever: — onde os concorrentes se contam aos mil, a menção das chamadas altas classes da sociedade não póde nem deve figurar. Basta-lhes a gloria de estarem representadas á porta, recebendo o obolo que das mãos do trabalho, vem cahir, por sua intervenção, abençoado por Deus, nas mãos rugosas da velhice, e nas que ainda se erguem para o céu sem signaes da missão trabalhadora, que o homem deve cumprir na terra. Digamol-o com franqueza, essa gente que, por por uma banal convenção, adquiriu a designação de *gente conhecida*, mui pouco tem figurado neste acto de caridade.

Este facto é como mais uma flor eterna para a coroa gloriosa, que as preces de tantos infelizes offerecem ás nobres e caridosas senhoras, que em seu nome vieram receber a esmola que lhes vae valer.

São muitas as pessoas que tem concorrido para o brilhante effeito deste beneficio. A concorrencia dos premios para a loteria, a parte que os fabricantes tomaram neste acto, são provas de que até este meio se tem aproveitado, para soccorrer os desgraçados.

Não se descreve a satisfação com que a gente do povo entra, ás ondas, pela porta da grande Sala do Risco. Poucos são os que não accrescentam o minimo da esmola, e mais de uma vez, as pessoas que estão na entrada, se tem commovido vendo homens e mulheres pobremente vestidos deixarem avultadas esmolas, e retirarem-se contentes, sem querer entrar por que dizem, que só ahi vieram para aproveitar o meio, que se lhes offereceu de praticar um acto de caridade.

Ao som da musica marcial, na sala adornada com os productos da nossa industria, lagrimas de alegria se tem chorado ao vêr o prazer que anima os concorrentes, e o agradecimento que parece estar estampado por Deus, no olhar amortecido dos velhos asylados, que estão prezentes, e no vivo olhar que alumia os rostos fagueiros de algumas creanças das cazas da infancia.

Sente-se, mas não se descreve o que se passa nos Paços da Industria, abertos para que a caridade publica offereça ahi lauto banquete á velhice pobre e á infancia desvalida.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

A INDUSTRIA NACIONAL E A EXPOSIÇÃO DE 1849.

II

Asphalto Portuguez e suas applicações.

112 Nas exposições industriaes, nem sempre o que seduz a vista é o mais util. O asphalto e suas applicações só pódem prestar-se ao exame dos que minuciosamente examinam os productos de uma exposição. Será talvez novo para parte dos nossos leitores o dizer-se-lhes — que este producto se appresenta por um modo especial e mui importante na presente exposição, não só quanto ao producto em si, mas tambem em relação a algumas das suas applicações, havendo até verdadeiro invento no modo pratico de realisar uma dellas.

Os productos appresentados foram expostos pelo Sr. Goullard, e constam de canos feitos de uma só peça, sem costura, de telhas, e tambem de asphalto preparado para forrar os pavimentos.

Em 1840, na segunda exposição da industria nacional, o Sr. Barão de Eschwege appresentou tres amostras de asphalto portuguez de sua descoberta e invenção, das quaes, em ponto grande, se admiram as variadas applicações na magnifica e primorosa obra do Castello Real da Pena, em Cintra; em perfeição, e barateza estes productos foram considerados eguaes ao asphalto francez.

A attenção, que então se prestou a taes productos, deve hoje augmentar na presença do que se observa nesta exposição. As obras appresentadas são de asphalto natural, mas portuguez.

Pelas informações que temos, ás poucas minas de asphalto, que a Europa possue, se póde juntar mais uma riquissima, se os capitaes souberem dirigir-se proficuamente em auxilio desta nova industria.

Entre a Nazareth e a Figueira se observa uma extensa formação calcarea, que para o leste chega até perto das rochas primitivas. Esta grande bacia contém, além de outros productos de mui util applicação, taes como carvão de pedra, gesso, etc., grande copia de calcareo asphaltico, de côr parda ou negra, e o qual, com a mais leve pressão, se reduz a pó mui subtil.

Em algumas partes observa-se que o asphalto se appresenta com certo cheiro especial; em outros é inodoro: por estes caracteres a sua qualidade se identifica com o calcareo, que se extrahe de Seyssel, em França. A força da mina é no logar chamado — *Pedra Negra*, — duas legoas da Marinha Grande: a grossura da principal camada é de 55 a 60 pollegadas, e a sua direcção é do occidente para o oriente, e a inclinação do meio dia para o norte. A camada de cal asphaltica é de uma importancia extraordinaria, e a parte da costa, que atravessa, e que está coberta pelo pinhal de Leiria, póde dever grande parte da sua futura prosperidade á exploração desta mina.

Não entraremos na descripção das muitas e variadas applicações do asphalto; mas é fóra de duvida — que tal mina não só fornecerá o de que se carece para o paiz, mas tambem para podermos exportar.

Á introducção deste ramo de industria no paiz, não se devem oppor o haver-se malogrado alguns ensaios, que se não tem feito conforme os principios, que se devem observar em taes casos. Ao presente, já se tem estudado a relação em que está o emprego do asphalto com o clima do paiz, em que o applicam.

Nas altas temperaturas deve ser privado das materias volateis, e deve, por meio da côr que se lhe dê, reflectir os raios luminosos: — nas baixas temperaturas deve-se proceder por um modo opposto — com mais forte consistencia, e com a côr bem negra. Nas applicações praticas se observam outros preceitos que a simples rotina não ensina.

As obras de asphalto tem a seu favor a duração, e a elegancia; a facilidade de serem trabalhadas em pouco tempo; o serem exemptas da influencia da humidade; não poderem ser destruidas por nenhum insecto; e resistirem ao effeito de varias temperaturas, podendo ainda depois de refundido, ser empregado por nova fórma.

Em França é immensa a applicação que tem tido, em consequencia de todas estas circumstancias.

Nos passeios das ruas póde ficar em Portugal por um terço do que custa em Paris, isto é, póde-se obter por 800 réis o metro quadrado.

Trata-se de o applicar juntamente com seixos para calçar as ruas. Quando se pertende substituil-o ao lagedo, é mister escolher sempre o asphalto sem cheiro. Convem muito para os armazens de cereaes, por que afugenta o gorgulho: no Minho e no Alemtejo tem sido applicado, com muita vantagem para as eiras.

Depois da importancia especial do producto da mina, que nos dizem pertencer ao Sr. Goullard, tractaremos das obras que appresenta. Quanto ao que chama *asphalto illustrado* não nos agrada; — vê-se que é um ensaio, mas muito imperfeito: se por novas diligencias podér obter melhores resultados, seria de grande utilidade applicar o processo aos letreiros das ruas. As telhas carecem de experiencia que atteste o bom resultado do seu uso: mas quando esta experiencia apareça, deverão ser usadas porque haverá muita economia no vigamento das construcções, além da que resulta do emprego do novo producto. O que nos parece de alta importancia são os tubos, ou canos de asphalto, feitos de uma só peça e sem costura. É nossa opinião que o Sr. Goullard, fazendo esta descoberta em Portugal, se nacionalisou pela importancia da sua applicação, mormente á agricultura por meio das regas e conducções da agua.

Em Paris os tubos de ferro ou de chumbo, para a

distribuição do gaz, tem sido substituidos, com bom resultado, pelos tubos denominados da Companhia Chameroy, composto de ferro e de betume. Esta substituição foi ahi considerada de tal vantagem, que o seu auctor recebeu uma medalha na exposição da industria franceza de 1844, e em 10 de Março de 1845 o primeiro premio *Monthyon* de 2,500 francos. Sabemos que os tubos de Chameroy supportam uma pressão de 10 atmospheras, ao passo que nos consta que as do Sr. Goullard supportam a pressão de 20.

Sentimos que este fabricante, empregando alguns dos seus tubos, antes da nova descoberta de os fazer de uma só peça, não obtivesse nella os bons resultados que se tem tirado do emprego destes ultimos; e sentimos tal facto, porque póde retardar a adopção do invento de que damos noticia. Um exemplo, entre outros, se póde felizmente citar em favor da descoberta do Sr. Goullard. Perto de Agueda, um grande e intelligente proprietario, o Sr. Francisco Caldeira Leitão, empregou os canos de asphalto para conduzirem uma columna de agua de mais de 40 palmos, e são passados quatro mezes, desde que se fez esta applicação, e appresentam um optimo effeito. Para avaliar a importancia da introducção desta util descoberta, bastará a consideração de que os canos de asphalto ficam por 75 por cento menos que os de ferro fundido.

Demorámo-nos mais neste ponto do que se poderia esperar, porque apezar do emprego do asphalto ser mui antigo, a sua generalisação é moderna, e a importação do asphalto francez, para Portugal, apenas data de 10 annos, e, com a descoberta da mina de Leiria, deve acabar.

Ao principio o seu preço era de 60 réis por palmo quadrado — ao presente, consta-nos, que o grande eirado da grande fabrica de fiação e tecidos, a Santo Amaro, foi pago ao Sr. Goullard a 25 réis o palmo quadrado.

Felicitamos o Sr. Goullard pelo bello resultado dos seus estudos e trabalhos, e prestamos-lhe gostosos o maior louvor, porque além de ser um fabricante que tracta com efficacia de aperfeiçoar os seus productos, é tambem um escriptor de merito, como se prova por um artigo seu publicado em o n.° 50 da segunda serie dos Annaes da Sociedade Promotora da Industria Nacional, com o titulo de *Minas de Asphalto em Portugal*.

O Sr. Goullard tem duas fabricas, uma em Lisboa, Rua do Poço dos Negros n.° 8, e outra no Porto, na Rua da Esperança n.° 69. Recommendamos os seus productos não só á Camara Municipal, mas tambem aos nossos agricultores para encanamentos das aguas.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

(*Continúa*).

A AGRICULTURA E O CONTRABANDO.

113 Temos recebido communicações ácerca do contrabando dos cereaes, feitas por parte dos membros de algumas camaras municipaes, e outras feitas por lavradores mui respeitaveis. Estas correspondencias, ás quaes serve de base a questão do contrabando, referem-se todas ao estado precario da nossa agricultura. Tencionavamos dedicar a este importante assumpto um trabalho especial quando acabassemos os nossos artigos sobre a exposição da industria, mas sem desistirmos deste proposito, alguma coisa escreveremos hoje com referencia a uma carta, que de Arraiollos nos escreve, em 21 do corrente, pessoa para nós de muita consideração, e na qual se nos lembra que devemos prestar á agricultura o mesmo cuidado que dedicamos á industria. São estas perfeitamente as nossas intenções, e estamos resolvidos a votarmo-nos ao estudo das importantes questões da industria fabril, porque assentamos que o maximo desenvolvimento da industria é o mais poderoso meio de fazer prosperar a nossa agricultura: — mas não é o unico; outros lhe estão ligados. — O evitar a entrada dos generos cereaes por contrabando é por certo um delles. O nosso correspondente concorda em que o consumo prefere, ao nosso, o trigo hispanhol, e diz-nos que tendo depositos de trigo nas terras da Raia o não póde vender por 280 réis o alqueire. Parece-nos que um dos inconvenientes que se apontam, depende de nossos agricultores o seu acabamento. Não ha razão para que os nossos trigos sejam inferiores aos hispanhoes: as praticas agricolas dos nossos visinhos, os melhoramentos que tem adoptado para as suas culturas não são mysterios. Em as sociedades agricolas em Portugal se organisando com os verdadeiros principios que as devem dirigir, por este lado o mal acabará, porque é a instrucção agricola que pela theoria, e pelo exemplo deve acabar com a rotina, que prejudica a qualidade e o preço de muitos dos nossos productos. Quanto ao ponto principal da questão, não póde elle deixar de merecer a séria attenção do governo.

É possivel calcular a producção agricola de um paiz para considerar este elemento na parte economica do seu systema de administração; mas não se póde calcular o que o contrabando lança no mercado: a entrada legal é compensada pela pauta; mas a illegal vem ferir de subito e com força o genero nacional: estamos persuadidos de que é grande a sua influencia na baixa do preço dos nossos cereaes, mas tambem acreditamos que duas causas aggravam mais a situação do lavrador, sendo uma o custo alto da producção, e outra o excessivo preço do dinheiro.

As questões que se referem á nossa situação economica são complexas; não se póde separar uma causa do mal de tantas outras que lhe andam ligadas; e por isso não apresentamos o contrabando como causa unica, mas sómente como uma das mais fortes; e assim dando razão ao nosso illustre correspondente, repetimos as instancias que por mais vezes temos feito, para que se empreguem meios proprios para combater o contrabando dos cereaes, accrescentando-lhes hoje o alvitre que nos é lembrado, de não confiar só a fiscalisação aos guardas das alfandegas, mas de empregar rondas de tropa, pois que os lavradores confiam em que por este modo a fiscalisação será mais completa e inteira. Pertencendo por direito a nossa penna aos interesses do paiz, assentámos que deviamos com estas breves linhas dar uma prova do quanto nos honram as pessoas, que fazendo justiça ás nossas intenções, procuram o nosso jornal para tratarem objectos que tão de perto se referem á prosperidade publica.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO IV.

Primeiro encontro.

114 Ás nove horas o som agudo, discorde, estridente de uma trombeta estrugiu os ouvidos de todos os criados de Sua Alteza. Era o infante que dava o signal da partida.

Sua Alteza tinha a singular mania de tocar desesperadamente trombeta: e não valiam para o desviar deste detestavel divertimento, nem as reflexões dos fidalgos, nem as observações e conselhos de Antonio do Prado, seu medico. Quando este lhe observava, que daquelles esforços que fazia para tocar, lhe podia provir grave damno para a saude, o Infante respondia sempre « Isso são coisas que lhe dizem os fidalgos? Pois responda-lhes, que eu os tenho por uns asnos, e que lhes heide tocar de noite e de dia. » — E depois a muzica infernal continuava mais insuportavel do que dantes.

Apenas ouviram os primeiros sons daquella trombeta cruel, os criados do Infante correram para a sala, onde elle os esperava com D. Rodrigo de Menezes e Christovam d'Almada, seus gentis-homens, ricamente vestidos de veludo e brocado.

Simão de Vasconcellos, depois da scena violenta que na vespera tinha tido logar, entre elle e o Infante, recusára continuar a servir Sua Alteza, e saíra do Côrte-Real para nunca mais voltar.

Francisco d'Albuquerque e o seu amigo Luiz de Mendonça tambem correram para a sala donde partiam os sons da trombeta, e chegaram já quando o infante se dispunha a partir.

Desceram todos ao pateo do palacio, e o Infante entrou com D. Rodrigo e Christovam de Almada, n'um coche dourado, puxado por seis magnificos cavallos. O coche logo que Sua Alteza entrou nelle, partiu a passo para o palacio do Rei, acompanhado por Francisco d'Albuquerque e os outros criados fidalgos, que o seguiam a pé.

Desde o Terreiro do Paço até á Junqueira, a praia — onde então havia apenas algumas cazas isoladas, o palacio do Infante e o de Alcantara — estava apinhada de povo, de coches, de liteiras, de fidalgos e damas, a cavallo e a pé. Todos esperavam impacientes que El-Rei fosse a bórdo buscar sua esposa, a Sr.ª D. Maria Francisca Isabel de Saboya, princeza de Aumale, e filha do duque de Nemours. A náu em que vinha a Rainha lançára ancora defronte da ponte, que na Junqueira se achava construida; e o Conde de Castello-Melhor, com sua mãe, nomeada camareira-mór da Rainha, fôra já a receber as ordens da sua nova soberana.

A belleza das náus francezas ricamente embandeiradas, o estrondo dos canhões e o som alegre de muitas bandas de muzica, prendiam a attenção do povo, quando o coche de Sua Alteza se encaminhava para o Paço. O Infante mandou apressar o passo á sua comitiva, porque julgava que não chegaria a tempo para acompanhar El-Rei; porém quando entrou no pateo da capella, viu os coches reaes parados, e os criados e parte da corte a esperarem, sem que se soubesse o motivo porque El-Rei não partia a receber a Rainha.

Sua Alteza subia as escadas, quando se encontrou com o Castello-Melhor, que voltava de bórdo da náu franceza, com uma carta da Rainha para Affonso VI.

— Como chegou Sua Magestade — perguntou o Infante ao Castello-Melhor quando este o saudou respeitosamente e lhe beijou a mão.

— Sua Magestade já está mais socegada dos incommodos e perigos da viagem — respondeu o marquez — e só espera por V. A. e por El-Rei para desembarcar.

— Pensava que El-Rei já estaria a entrar no bergantim; mas dizem-nos que ainda está fechado no seu quarto, sem consentir que ninguem lá entre.

Estas palavras causaram uma profunda impressão no valído, que se fez palido e balbuciou: — Sua Magestade estava a vestir-se quando eu saí; e não sei... não posso dizer a rasão porque...

O Infante interrompeu-o:

— Já vamos saber a causa de tudo isto — disse elle. — Meu irmão deve estar impaciente por fallar a sua esposa... que tão formosa é.

Estas ultimas palavras foram dictas quando ambos entraram n'uma sala, de cuja parede estava pendurado um magnifico retrato da princeza de Nemours; e a voz do Infante, ao pronuncial-as, tornou-se ligeiramente tremula.

— A Sr.ª Rainha é ainda mais bella do que

aquelle retrato — proseguiu o marquez, olhando para Sua Alteza, e para o painel.

E ambos entraram para os quartos d'El-Rei, sem dizerem mais palavra.

D. Rodrigo de Menezes ordenou aos moços fidalgos que serviam o Infante, que o fossem esperar na ponte da Junqueira, onde havia de ter logar o desembarque da Rainha. Francisco d'Albuquerque e os seus companheiros saíram então do palacio, e atravessando o Terreiro do Paço foram embarcar ao caes n'uma falúa de seis remeiros.

O dia estava sereno e bello; um sol claro innundava a cidade e o Tejo de luz e de vida. A maré enchia, e por isso o barco em que iam os criados do infante vogava perto de terra. — O espectaculo era admiravel. Os montes estavam cobertos de povo; a praia era um kaleidoscopo brilhante, em que as plumas, os veludos, o oiro, os coches, as liteiras, formavam uma infinidade de figuras, e de combinações harmonicas de côres.

A alegria da nação, pelo casamento de Affonso VI, era immensa; e muitas rasões contribuiam para isto; entre estas avultava a esperança que todos tinham de que El-Rei, depois de casado, modificaria a sua vida desordenada, e se deixaria dominar pelo amor.

Para se comprehender porém claramente a causa do regosijo que o povo manifestava, e que sentiam todos os portuguezes, será conveniente entrar aqui em alguns detalhes, que podem tambem dar ao leitor idéa da situação de Portugal no tempo em que começa esta nossa historia.

Depois da desgraçada entrega de Portugal a Filippe II, feita por grande parte de uma nobresa corrupta, como era já a nobresa das nações da Europa no fim do XVI seculo, a decadencia deste paiz tornou-se tão rapida, que todos os que ainda conservavam amor pela patria perderam a esperança de a tornar a vêr livre. No momento da invasão castelhana, que assim se póde chamar a entrada de Filippe II neste reino, só estavam promptos para a defesa o Prior do Crato D. Antonio, e alguns centenares de homens do povo. O resto da nação tinha-se deixado vencer pelo oiro, pela corrupção, e pelas promessas do rei de Hispanha.

E se acreditarmos as palavras de D. Christovam de Moura, embaixador d'El-Rei de Castella, n'um officio em que participa a este soberano o que passou n'uma conferencia, que teve com D. Antonio — este mesmo pertendente offereceu vender a patria a Filippe II, por trezentos mil ducados e o titulo de governador de Portugal!

Não é para admirar que todos trahissem ou abandonassem a patria, quando o proprio duque de Bragança, a quem a coroa de Portugal pertencia por sua mulher, a Infanta D. Catharina, filha segunda do Infante D. Duarte e neta de El-Rei D. Manoel, tinha tacitamente cedido dos seus direitos, depois de algumas conferencias com os ministros da França, só com a esperança de obter de Filippe II graças e riquezas, que este depois nunca lhe quiz conceder.

Filippe II procurou gastar as forças de Portugal em guerras que só interessavam á Hispanha: as nossas colonias foram preza dos Hollandezes. Essa terrivel companhia das Indias, que fazia conquistas e sustentava exercitos, não por amor da gloria, mas pela sede do oiro, lançou-se ávidamente sobre os nossos despojos, e senhoreou-se das nossas possessões da India e de parte das colonias da America. A Hispanha julgava-se mais segura do seu escravo á proporção que o via perder as forças e tornar-se moribundo. Os favoritos dos Filippes só curavam de tirar oiro de Portugal, para com elle satisfazerem os seus caprichos e darem mais esplendidas festas a seus imbecis amos: queriam tornar este reino um cadaver, e esqueciam que se abraçavam com elle, e que a corrupção se péga áquelles que estreitam a si um corpo corrompido.

Uma fatalidade terrivel fez que nós estivessemos unidos á Hispanha durante o periodo da queda daquelle immenso imperio. Viardot, nos seus estudos sobre os Museus de Madrid, faz notar a degradação das fórmas que se observam nos retratos dos cinco reis da dynastia austriaca, desde a magestosa e intelligente phisionomia de Carlos V, até ás estupidas e repugnantes feições de Carlos II.

A pesada coroa de Carlos V ainda se póde sustentar, mas oscilante já, sobre a fronte do sagaz e cruel Filippe II: a cabeça de Filippe III curva-se, como esmagada por aquella coroa immensa, e são as mãos dos favoritos que a sustentam debilmente. Filippe IV, o rei artista, deixou-a caír de todo nas mãos dos cortesãos. Um drama val para elle mais do que um reino, um quadro de Velazquez importa mais do que uma colonia. No tempo de Carlos II a coroa ma-

gnifica de Carlos V estava já quebrada em pedaços, que eram disputados pela rainha, governada por um jesuita, e por D. João d'Austria, o filho bastardo de Filippe IV e de uma actriz.

A revolução que separou Portugal da Hispanha teve logar no reinado de Filippe IV; isto é, quando as forças daquelle reino se achavam quebradas de todo, quando o thesouro se achava exhausto, a industria e o commercio paralisados. Não foi o amor da patria e da liberdade — é triste dizel-o, mas é a verdade — não foram esses nobres sentimentos que levaram os fidalgos portuguezes a conspirarem contra Hispanha; uma causa menos nobre, o interesse pessoal, é que os levou a empreenderem aquelle grande feito. O conde-duque d'Olivarez tinha-os privado de muitas de suas regalias, e queria obrigal-os a partir para a Catalunha, onde rebentára uma terrivel revolução; os fidalgos preferiram conspirar a ir fazer a guerra por conta de Hispanha.

A coragem do duque de Bragança, que os fidalgos escolheram para rei, não era grande. Por muito tempo hesitou elle entre aceitar ou recusar a offerta da coroa, apesar do apoio que a França, então ainda governada pelo cardeal de Richelieu, lhe mandava offerecer pelos seus agentes: e se não fôra o caracter varonil de D. Luiza, sua mulher, provavelmente não subiria ao throno a dynastia de Bragança. A heroica Duqueza, sabendo do desalento e hesitação em que estava o Duque, seu marido, disse-lhe um dia, para o resolver a entrar na conspiração: « Não ha remedio: V. Ex.ª hade morrer: se hade morrer duque, é melhor que morra rei. »

A revolução de 1640 achou écho em todo o reino; o povo, que tinha sido o ultimo a abandonar a causa da patria, foi o primeiro a entrar na lucta com Hispanha. Este reino achava-se tão debilitado, que não pôde suffocar a revolução portugueza; o Duque de Bragança, aclamado rei, pôde em breve dispor de um exercito sufficiente para resistir ao poder de Filippe IV.

A França reconheceu e prestou apoio a D. João IV; Luiz XIII tinha esperança de estender o seu sceptro sobre a Catalunha revolucionada.

O tractado dos Pyrinéos entre a França e a Hespanha, e o casamento de Luiz XIV com a Infanta D. Maria Thereza, filha de Filippe IV, fez um instante duvidar do vencimento da causa portugueza, apesar das muitas batalhas que tinhamos ganho aos castelhanos.

Porém a influencia do Marechal de Turenna, que na côrte de França defendia os nossos interesses, e o casamento da Infanta D. Catharina, irmã de Affonso VI, com Carlos II rei de Inglaterra, deram-nos meios de resistir á Hispanha, que então podia, por ter acabado a guerra com a França na Catalunha, dispôr de um poderoso exercito contra nós.

Com a morte de Filippe IV, que teve logar em 1665, começou de novo a guerra da França contra Hispanha. Luiz XIV, — que tinha começado definitivamente a reinar, pela morte do cardeal Mazarino, — pertendia ter direito, por ser casado com Maria Thereza, filha da primeira mulher de Filippe IV, á Flandres e ao Franco-Condado, que reclamava de Hispanha. O ambicioso rei já então formava os vastos projectos de conquista, que de certo teria executado, se não fosse a liga que mais tarde contra elle fizeram a Suecia, a Hollanda e a Inglaterra. Luiz XIV, esse Napoleão de punhos de renda, concebia já naquelle tempo a França, como depois a talhou o heroe de Austerlitz.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continuar-se-ha.)

ZILLA.

Romance.

(Continuado de pag. 82.)

XXI.

115 — De Zilla se aproximou,
Apertou-lhe a mão — tremia,
E aceleradas palavras
Ao ouvido lhe dizia:
Ergueu-se então a donzella;
Misturado de dezejos,
De timidez, de incerteza,
Era o seu languido olhar:
— Hesitas? — lhe disse a voz —
Não tens que te arrecear,
Estamos agora sós,
Elle não póde chegar,
Indo em meu manto involvida
Não te descobre ninguem;
No principio da avenida
Onde eu mesma heide levar-te,
Tens ligeiro palafrem,
Que te espera, e irá deixar-te,
Ao castello de teu pae;
Mas breve, que se não elle
Póde voltar, e então ai,
Que perdidas ficaremos.

—Já nem treme, nem hesita:
Por aquella mão guiada,
Da sala desapparece,
A innocente confiada
Na sorte que se lhe offerece.

XXII.

Quem fôra que assim viera
Livrar a pobre donzella
De seu duro captiveiro?
Quem fôra, que se atrevera,
A vir arrancar dos braços
Do nobre moiro El-Mondir
A sua amante querida?
Quem tamanha compaixão,
Lhe abalou o coração,
Para assim expor a vida?
Quem? — Fôra o negro ciume
Da moira que desprezada
Por seu amante se viu,
E face a face ultrajada,
Por outra mulher mais bella.

XXIII.

Trota largo, em direcção
Do castello de El-Mondir,
Crescido trôço de gente;
A espaços o incerto lume
Das estrellas scintillante
Fulge das armas no gume
Afiado, e rutilante:
— E' negra a noite, — a fragancia
Da rica vegetação,
Na aza do vento recende;
— Ao longo de verde encosta
Largo trota o esquadrão.
Chega á esplanada, estende
Mais amplas alas, e solta
A todo o galope a redea;
Espadana a terra involta
Entre os cavallos galgando
A extensão a toda a brida;
A um arvoredo chegando
Pára de repente a um brado:
— Pelas clareiras sumida
Da habitação de El-Mondir
Se vê bruxulear a luz;
Alli, se destaca á frente,
Um cavalleiro travando,
Com o chefe breves fallas;
Depois entrando a galope
Pelo arvoredo serrado
Dos outros desapparece.

XXIV.

No dorso do palafrem
Ligeira salta a donzella,
Moiro escravo vae traz ella,
Para a guiar sem perigo,
Ao castello de seu pae:
Não a conheceu ninguem;
Livre está, que livre sae
Dos muros da habitação. —
— Como as fórmas indecisas
De fantastica vizão
Que na mente do poeta,
Surge á noite, quando a lua,
Nas quietas aguas do lago,
Pallida, e triste fluctua,
Vaga sombra, lembrar vago,
De belleza que no céu,
A mão do Senhor encerra,
E lança um raio em sua alma,
Dessa luz serena, e bella,
Para o consolar na terra;
Era aquella doce imagem,
Indecisa, fluctuante,
Involvida em branco véu.

R. A. DE BULHÃO PATO.

(Concluir-se-ha.)

MEMORIAS D'UM DOIDO.

CAPITULO IV.

O sonho de um ambicioso.

(Continuado de pag. 71.)

116 Ha momentos na vida, em que o mais reservado de todos os caracteres, deixa escapar os segredos da sua ambição, e as aspirações da sua alma. É quando a fortuna corôa o genio, como na batalha de Marengo, que se escrevem cartas como a que Bonaparte escreveu ao Imperador d'Allemanha: é quando a mão da sorte peza sobre a existencia, que os poetas como André Chénier exhalam o ultimo presentimento da sua gloria, n'uma phrase, que se tornou um logar commum, e que é portanto a epopéa de um alto destino, cortado em flôr:

Pourtant j'avais quelque chose là!

Para comprehenderem a narração que vamos fazer, é necessario explicar a existencia de Mauricio.

Mauricio, era filho de um official realista, morto n'uma das batalhas da luta liberal. Educado nas praticas religiosas, e no culto cego e inconsiderado, que o paiz quasi inteiro prestava ao nome de D. Miguel, até aos doze annos viveu pobremente na provincia, com sua mãe, que por fim, se finou quasi de miseria, e de desgostos.

De intelligencia rapida, e viva, elle comprehendêra que o governo absoluto servia apenas de martyrio ao talento e esterilisava todas as vocações dentro do circulo de ferro, que as comprimia, n'uma hierarchia irrevogavel e fatal. Um governo que esperdiça toda a força intellectual da mocidade, em mysteres ignorados e servis, um governo que degenera os caracteres nas praticas cuidadosas de uma etiqueta ignara, condemna-se irremissivelmente á lenta agonia de uma existencia sem grandeza. Lançado aos quatorze annos no tumulto da capital, tivera de se sustentar, nos escriptorios, desse trabalho puramente maquinal de copista, que lhe deu uma certa independencia, para se entregar ao estudo. Aos dezoito annos, a sua educação politica tinha-se feito pela leitura da historia, e pelo exame dos acontecimentos, que se succediam com espantosa variedade.

A sua vocação tinha-se feito notar, por alguns pamphletos, cheios de energia, e de vivacidade pittoresca. É que elle, n'um desses solemnes dialogos com a sua consciencia, conhecêra instintivamente a sua superioridade intellectual. Idealisando os homens de estado, pelo prisma da historia, via-os todavia, balbuciar em timidas reformas, e despender a grandeza de uma situação excepcional, em intrigas baixas e pequenas. Em dois annos de governo, appreciára as reputações panicas, e conhecêra as crises provaveis. Em 1835, lançava-se ardentemente nos braços da opposição.

Mas ao mesmo tempo, elle não tinha illusões sobre a sua posição precaria. O talento é uma grande força, quando a multiplicam pela gloria, ou pelo dinheiro. O governo representativo, governo de transição, *metalisou* a existencia politica. Não é exaggeração dizer, que o governo que estabelece um censo, como garantia de capacidade, é o governo do capital. Gahar um ponto de apoio, era o seu pensamento: é só com um exercito, que se póde provar a excellencia estrategica dos generaes.

No meio da agitação da sua vida, commettêra uma grande falta: ligára-se com uma mulher. A mulher é ás vezes uma inspiração, é quasi sempre o idolo, com quem se deseja partilhar uma posição gloriosa e respeitada, mas no calor da luta, raras vezes deixa de ser um obstaculo.

E depois, Mauricio enfastiára-se daquella resignação silenciosa, e daquelle amor quasi official. O culto que lhe ardia no coração, reservou-o exclusivamente para outra, que consubstanciava, por assim dizer, o alvo da sua ambição. Quem nos diz que Richelieu tomaria sobre si o pezo de uma grande monarchia, se não fosse a sua paixão, por Maria de Médicis, que o fez ser grande, para offuscar o heroismo pueril de Buckingham?

Era esse êrro que elle expiava fatalmente, consumindo a vida em todas as emoções da devassidão. Aquella ternura, tão mesquinhamente demonstrada, como que lhe abatia o caracter: aquella intelligencia, que apenas se occupava dos cuidados vulgares do governo de caza, nem entendia, nem consolava as dores ignoradas de sua alma. As surexcitações da sensibilidade, ou da intelligencia tem repouso na propria contemplação do que comprehendêra. Paulina poderia ¿quem sabe?— ser sublime pelo coração, n'uma circumstancia extraordinaria da vida, mas não possuia nem o dom, nem o segredo de poetizar as emoções finitas do gozo material, na irradiação soberana dos thesouros da sua alma.

A vigilia déra a Mauricio a necessidade febril da expansão moral. Devorava-o o desejo de confiar o que sentia, porque se via n'uma situação terrivel, que abate, e atormenta as almas delicadas. Tinha a escolher entre a fome, e a deshonra! Tinha elle, o homem do futuro, de cortar á sua corôa um florão, porque lhe haviam proposto um mercado infame — o de subordinar a sua intelligencia ao egoismo de um partido, e ás vaidades de um homem!

Era o jogo que o tinha condusido áquelle horroroso extremo! O ambicioso affastára-se da vida de trabalho e de esperança, para se embriagar nessas emoções penosas, que nos fazem esquecer do mundo real, á força de materialisarem as aspirações generosas do espirito. Quem ha que resista então á consolação extrema dos desgraçados, a confissão, esse sacramento, que a

religião sanctificou como um dogma, e que a alma acceita como uma necessidade imperiosa?!

— Perder, perder tudo! ter de immolar a minha ambição ás miserias desta vida! Paulina, vê como eu sou desgraçado! — exclamou Mauricio fitando-a com um olhar de desespero.

— Que é! que é! dize! não estou eu aqui para te consolar? — respondeu Paulina com ternura.

— E que val isso? Que me importa esta vida, se tenho de queimar as minhas esperanças, o meu sonho, o meu futuro! E eu sentia aqui dentro um pensamento grandioso e elevado! Erguer do nada um povo abatido, regenerar uma sociedade pela energia de uma idéa, aproveitar toda a força dos acontecimentos em beneficio de um povo resuscitado!... O que são elles, esses homens pequenos, que se revolvem na abjecção de meios inefficazes, e de vaidades pueris?... Eu sim, sentia que as revoluções não se aproveitam, senão pela transformação successiva dos elementos sociaes: tornar Portugal digno das suas tradicções, era conceder a immortalidade ao meu nome, e adormecer tranquillo no meu leito de agonia!

— E agora, não sabes? Offerecem-me, oiro, posição, fortuna para que eu venda o meu talento, ás suas combinações mesquinhas, para que eu renegue da minha gloria, para que eu me curve aos seus caprichos! E não tenho outro recurso!... Morrer, ou abdicar!

E caíu fulminado sobre a cadeira pela apreciação raciocinada deste dilemma sinistro.

Paulina não podia alcançar toda a amargura daquella luta. O coração da mulher não apprecia senão os sacrificios dentro da esphera do sentimento. O mundo social constituido pela nova transformação politica, ainda não recebeu a sancção de todas as classes. Paulina, foi inconsideradamente destruir o ultimo clarão de affecto, que lhe pertencia naquella alma.

— E porque duvidas? — disse ella — não estás cansado de viver triste e sosinho, sem esperança de melhor sorte? Não o digo por mim: sabes que te amo, a ti só, que não me pezam nem as privações, nem as alternativas da nossa existencia! Mas tu?... Quem é que te paga esses trabalhos, em que consomes a vida, em que adquires inimigos irreconciliaveis?... E não me disse ainda ha pouco uma visinha, que se continuasses, poderias até ser preso ou desterrado?... Acceita! Acceita!

Mauricio levantou-se d'um salto, com as faces affogueadas pela cholera; a sua physionomia tomára uma expressão terrivel, porque perdêra de todo a esperança, talvez egoista, de elevar aquella mulher, até á altura das suas concepções.

— Não! tu já não pódes viver comigo mais um instante! És uma alma fria e vulgar, que desconheces que é infame o homem mercadejar com o que Deus lhe deu de mais grandioso e sublime — a intelligencia! É que não vês que eu tenho a perder a esperança infinita da minha vida, e a comer o meu pão amassado com as lagrimas da vergonha, e os despresos do mundo!

— Para que buscas pretextos para te separares de mim, Mauricio — disse Paulina com voz pausada e affectuosa — conheço que já me não amas, que já não és capaz de sentir por mim o que sentes talvez por outra!

— Quem te descobriu esse segredo? Como soubeste tu que amo louca, perdidamente uma mulher? — exclamou Mauricio realisando pela sua confissão aquella desconfiança vaga.

— Bem m'o disia o coração! amas outra! — bradou Paulina com delirio.

— E que te importa? — respondeu Mauricio n'um accesso de orgulho — amo-a porque é bella, porque para ser amado, necessito de ser grande e poderoso! E hei-de sê-l'o! — repetiu elle em voz mais baixa, descobrindo n'um gesto convulsivo aquella testa espaçosa, aonde se lia toda a anciedade dos seus desejos ambiciosos.

Paulina já não ouvíra estas palavras. Estava desmaiada.

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

12 a 15 de Novembro.

DIARIO N.° 267.

117 Decreto approvando o plano de organisação da Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda, do Tribunal do Thesouro, do Tribunal de Contas, e da Administração da fazenda publica nos districtos administrativos.

Regulamento da Secretaria de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça.

DITO N.° 268.

Portaria providenciando sobre os donativos dos povos para a feitura de varias estradas.

Outra remettendo ao Conselho de Estado, para dar o seu parecer, tres projectos de regulamento sobre instrucção publica.

Tabellas que fazem parte do decreto de 10 do corrente sobre a organisação da Fazenda publica.

EXPOSIÇÃO PHILANTROPICA.

118 Durante os quatro dias da exposição philantropica, foram trinta mil os bilhetes entregues ao publico e a receita foi, aproximadamente:

No dia 25	314$000	réis.
» 26	343$000	»
» 27	555$000	»
» 28	594$000	»
	1:806$000	»

Os premios passam de quatrocentos.

NOTICIAS AGRICOLAS E SANITARIAS.

(Carta.)

Sr. Redactor.

119 Meu irmão, Manoel Nicoláo de Almeida Coutinho, me partecipa, que V. como digno redactor da REVISTA, se interessa em ter conhecimento de todos os casos notaveis, succedidos por estes sitios, e que eu podia ser o correspondente de V. Estimei esta participação porque sempre apreciei muito a publicação de certos acontecimentos, pois que ella póde concorrer a effectuarem-se alguns melhoramentos.

Começando pois desde já neste meu proposito direi: que o anno tem corrido nestes sitios pessimamente á agricultura, e mal á saude publica. O cultivador mal tirou as sementes dos trigos, centeios e cevadas; as batatas, grande manancial, donde estes povos tiram o principal sustento, tem sido atacadas da molestia ha quatro annos, e no presente foi mais á vante, por que queimou as serodias semeadas em Maio e Junho, quando nos tres annos anteriores, sómente foram invadidas as de Janeiro e Fevereiro. — Vinho — quasi nada houve, e não póde prestar, por que a uva apodreceu com as abundantes aguas de Setembro, e de 140 réis a 160 réis, por que se vendia o almude, passou de repente a 600 réis. — Azeite não ha; nem muito se contava com elle por causa da abundancia que houve no anno ultimo. — Mas se tudo isto nos tem trazido mui graves prejuizos, elles se augmentam muito com uma grande innundação, que ha tres semanas estamos presenceando nos campos deste concelho, e desde Coimbra até á Figueira, quando ainda se acham pendentes todos os fructos, e em estado de immaturação!

O lavrador semeou as suas terras em Maio e Junho, como é costume, sobrevindo-lhe logo uma cheia, que lhe destruiu as sementeiras, e assim se viu na necessidade de semear segunda vez, mas já extemporaneamente, e depois disto veio o bicho, que comeu grande parte dos milhos nascentes, e para coroar a obra temos soffrido a innundação de que acima fallei.

É doloroso vêr o cultivador no campo, mettido em agua apanhando as suas espigas para um barco, aonde a cheia as deixa vêr, por que a grande maioria das terras com seus fructos, foram cobertas de agua por muito tempo, corrompendo-se por tal fórma os milhos, que não póde suportar-se o seu máu cheiro, e muito receio eu que o seu uso na classe pobre produza novas molestias, além das que tem grassado aqui. Mas como não ha de este campo, este fertilissimo e vasto terreno, estar sugeito a taes inconvenientes se as motas do Mondego estão em partes cobertas de areia, e inferiores ao mesmo rio?! Se este objecto de tamanha transcendencia e utilidade publica, não demanda umas vistas paternaes do governo, qual será aquelle a que dará attenção? nenhum. — Emprestou o governo uns 12:000$000 réis, para se distribuirem pelos concelhos do campo, a fim de se abrirem vallas, que retem aguas estagnadas, e empestam o ar no estio, e coube e este meu concelho a quantia de 800$000 réis. — E quando este dinheiro podia empregar-se muito utilmente, abrindo-se todas as vallas necessarias, apenas se abriu uma pequena barroca, a fim de dar escoante ás aguas de um predio do administrador do concelho, e de mais tres a quatro proprietarios, ficando as vallas essenciaes, e o dinheiro gasto! Neste ponto não digo mais, por que me doe o coração.

Saude publica.

Temos tido neste verão uma abundancia de sezões, como não ha memoria. Quasi ninguem lhe escapa: repetem-se com uma facilidade extrema; vem sempre acompanhadas de inflamação de intestinos, e algumas perniciosas tem apparecido; entretanto não se tem soffrido outras doenças, ao passo que, em distancia de uma legoa desta villa, grassam molestias, que diariamente arrebatam muita gente, como succede no concelho de Santo Varão, na Carapinheira, do concelho de Monte-mór o Velho, e em Portunhos, que pertence ao de Ançam. Neste ultimo, invadiu a epidemia ha 9 ou 10 mezes: tem deixado cazas desertas, e continuará a fazer victimas, se objecto de tanta monta não der cuidado ao governo, mandando ao menos examinar por uma commissão medica a causa da molestia, quando aquelle povo apenas dista legoa e meia da Lusa Athenas!

Eis aqui, Sr. Redactor, o que por aqui se passa, e do que occorrer, que mereça mencionar-se, eu serei tão exacto, como prompto em historial-o.

Tentugal 29 de Novembro de 1849.

De V. etc.

MIGUEL CAETANO DE ALMEIDA COUTINHO.

TRASLADAÇÃO.

120 O Corpo do Commercio desta capital, querendo honrar a memoria do Conselheiro José Maria Lopes Carneiro, que foi Director da Alfandega Grande, abriu uma subscripção para as despezas de um monumento, que se levantou no Cemiterio do Alto de S. João.

Os restos mortaes daquelle honrado funccionario pu-

blico, achavam-se depositados no jazigo mandado fazer para sua mãe, pelo Escrivão da Mesa Grande Antonio dos Santos Monteiro — e foram trasladados para o monumento no Domingo 25 do corrente. Consta-nos que a solemnidade religiosa feita pelos empregados das Alfandegas fôra edificante. Uma missa de musica cantada unicamente a vozes tocou os corações de tal sorte, que se não ouvia uma unica voz em o numeroso concurso composto de negociantes nacionaes e estrangeiros, de amigos particulares do finado, e dos empregados das Alfandegas. Folgâmos de observar que nesta épocha em que vivemos, se distingue o verdadeiro merito, sem que nessa distincção appareça a lisonja.

O Conselheiro Lopes Carneiro, foi modelo de empregados publicos: — sirvam de estimulo as honras que se lhe tributaram, para lhe succederem muitos que se tornem dignos de outras eguaes, e tão espontaneas.

EXECUÇÃO ANTES DA SENTENÇA!

121 Terça feira 27, reunia-se o jury no Tribunal da Boa-Hora para sentencear um camponez, preso por culpas leves, quando, em vez do réo, chegou á sala da audiencia a noticia de que elle se tinha enforcado por suas mãos, na enxovia do Limoeiro.

É provavel que todos os jurados se retirassem rezando-lhe por alma; — o escrivão porém talvez não fizesse outro tanto...

AUTOPSIA.

122 Tencionando publicar a autopsia cadaveric de meu irmão o reverendo Antonio Joaquim Cordeiro, em cumprimento da recommendação, que me havia feito o finado, dias antes do seu obito, guardei aquelle papel para tratar da sua publicação depois do periodo do nojo; porém de tal sorte me passou da memoria o logar em que o tinha depositado, que apezar de muitas diligencias que pratiquei nos papeis existentes na caza do finado, aonde me havia sido entregue, e aonde eu residia por circumstancias, só o achei casualmente na minha caza, entre os meus papeis, nos ultimos dias de Setembro antecedente.

Devo a mim proprio esta declaração ingenua, para justificar a demora involuntaria da publicação daquelle importante papel. Importante para a religião, e memoria do finado, por ser o documento vivo de tão longos, e tão acerbos padecimentos, que elle soffreu resignado, sem lhe escapar um só ai, um só gemido, em todo o periodo da sua molestia até ao momento em que expirou, tendo por unico desafôgo implorar a protecção divina com a mysteriosa invocação de Jesus Maria José. Importante para o publico pelos resultados que d'ahi se pódem colher para augmento da sciencia medica, e beneficio da humanidade. Importante finalmente para a justiça, que altamente reclama, que eu preste ao Illm.° Sr. Doutor João Brignoli, medico assistente do finado, a demonstração publica da homenagem devida aos seus profundos conhecimentos, e consumada experiencia, verificando-se plenamente por aquelle documento o diagnostico que elle fizera não só em vida do finado, mas tambem repetido aos Illm.os Srs. facultativos, antes de principiar a referida autopsia, os quaes depois della concluida, fazendo-me na retirada os seus cumprimentos declararam, que daquelle acto resultava grande honra ao referido Illm.° Sr. Doutor Brignoli.

Honra, pois, lhe seja feita.

AUTOPSIA PRATICADA NO CADAVER DO ILLUSTRISSIMO SENHOR PEDRO ANTONIO JOAQUIM CORDEIRO NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1848, DOZE HORAS DEPOIS DA MORTE.

Habito externo. Decubito dorsal: emagrecimento geral: pelle descorada: depressão das paredes abdominaes: ligeira edemacia nos pés.

Cavidade craneana. Injecção dos vasos da duramater; adherencias limitadas ao lado da fouce do cerebro, e estabelecidas entre a arachnoidea visceral, e parietal; pequena quantidade de soro na cavidade desta membrana. Massa cerebral decididamente endurecida, a ponto de se deixarem desdobrar as circumvoluções: injecção vascular limitada, deixando notar pelos cortes punctuações pouco salientes: plexos choroideos sem grande injecção: soro em pequena quantidade nos ventriculos.

Cavidade thoracica. Derramamento soroso de duas libras na cavidade pleuritica esquerda, que se achava em mui grande extenção, e principalmente na parte posterior, coberta de albumina coagulada com o aspecto de falsa membrana, e tendo adherencias muito consideraveis, e infiltradas do mesmo soro na parte media anterior, e lateral externa. O pulmão deste lado estava quasi todo, como carnificado, apenas apresentando na parte anterior, e superficialmente crepitação obscura, quando se comprimia methodicamente.

No lado direito, e no meio da altura do pulmão existia uma adherencia de pollegada e meia quadrada de extensão unindo o orgão ás paredes do peito: todo o pulmão apresentava a hyperemia cadaverica. O pericardio continha duas ou tres onças de soro turvo, e um tanto mais espesso. O coração de volume, e organisação inteiramente normal, era revestido de uma camada gordurosa amarellada bastante consideravel.

Cavidade abdominal. Figado de côr natural, sensivelmente hypertrophiado, mas sem alteração na sua organisação. Bexiga félea muito espessa, contendo em logar de *bilis* coisa de uma onça de um liquido albuminoso, e seis calculos, dois dos quaes do tamanho de grandes ginjas, e quatro um tanto mais pequenos, pezando todos quatro oitavas e meia.

Estomago. Dilatado por grande quantidade de liquido escuro, como agua de azeitonas, e deixando vêr no fundo do vaso, quando se deixava em repouso um precipitado pulverulento da mesma côr, appresentava um tumor canceroso na abertura pylorica, estreitando-a a ponto de não dar passagem ao dedo minimo: a ulceração comtudo não era ainda muito consideravel: as paredes do orgão muito adelgaçadas, e n'alguns pontos transparentes mostravam injecção vascular de côr bastante escura. Existiam adherencias entre a extremidade pylorica, e o pancreas, que se encontrou endurecido, e degenerado. Os ganglios mesentericos muito hypertrophiados, e scirrhosos: os intestinos delgados muito reduzidos de calibre, assim como os grossos, principalmente o cólon descendente e S iliaco, que se assimilhavam ao esophago. A aórta abdominal antes de dar a celiaca estava estreitada, e

como comprimida pela massa scirrhosa do pancreas, e ganglios mesentericos, dilatando-se para baixo até á divisão nas iliacas, ao mesmo tempo, que estava endurecida nesse ponto, e muito encrustada. Todas as mais visceras achavam-se no estado normal. Lisboa 16 de Dezembro de 1848. — Antonio Bento Ribeiro Vianna. — Sebastião Maria da Silva.

Está conforme ao original em meu poder.

Lisboa 15 de Outubro de 1849.

JOSÉ JOAQUIM CORDEIRO.

BIBLIOGRAPHIA.

É sempre, com prazer, que annunciamos a publicação de novos jornaes. *A Semana*, que hoje recommendamos com empenho, é uma empreza, que muito póde honrar as lettras patrias. Os seus Redactores são já conhecidos como homens de talento e estudiosos, e os seus nomes despensam qualquer louvor.

A SEMANA
Jornal litterario e instructivo.

REDIGIDO POR

João de Lemos Seixas Castello Branco — Manoel Maria da Silva Bruschy — Ayres Pinto de Sousa — Jacinto Heliodoro de Faria Aguiar de Loureiro.

123 Com este titulo propomo-nos a publicar um semanario de instrucção e litteratura.

Buscaremos que seja variado; não pouparemos fadigas para que seja agradavel, e, sobre tudo, util.

Entramos com pequeno cabedal na empreza, mas com dezejos de sobra. Contamos, além disso, com a valiosa collaboração de muitos amigos nossos, e das boas lettras.

Se o publico approva o nosso proposito, venha animar-nos. Não fazemos promessas; valem pouco; appellamos para os factos.

Os preços da assignatura são — por anno 960 — por semestre 480 — por trimestre 240 réis. Avulso 20 rs.

As assignaturas de provincia devem ser pagas adiantadas; as de Lisboa no acto da entrega.

Assigna-se nas lojas do costume; mas as assignaturas adiantadas devem ser enviadas ao Emprezario do jornal, assim como toda a correspondencia — *franca de porte.*

A publicação do primeiro numero depende do sufficiente numero de assignaturas.

Edição da Imprensa Nacional.

O Emprezario do jornal — *A Semana* — *Jorge Augusto de Sousa.* — Travessa da Laranjeira, n.º 25, 3.º andar — á Cruz de Páo.

PRAÇA DE LONDRES.

Em 16 de Novembro.

124 Foram cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.				
Do Banco		198	199	Por 100.
Consolidados	3 p. %	93½	93⅝	»
Redusidos	3 »	92½	92⅝	»
Fundos	3¼ »	93¼	93½	»
Exchequer bills de Março		48	51	Premio.
» » de Julho		—	—	
ESTRANGEIROS.				
Belgas	4½ »	—	—	
Brasileiros	5 »	83	85	Por 100.
Dinamarquezes	3 »	—	—	
Hispanhoes	5 »	16¾	17	»
Ditos	3½ »	35	35¼	»
Hollandezes	4 »	82	82½	»
Ditos	2½ »	53¼	54	»
Mexicanos	5 »	26¼	26½	»
Portuguezes	4 »	33½	34	»
Ditos consolid. 1841.	—	32½	33	»
Russos	5 »	107	109	»

— Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.		
Lisboa	53¼	Por 1$000 rs.
Porto	53¼	»
Rio de Janeiro	26¼	»
Paris	25 70 75	Lib.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 28 de Novembro.

125 Não houve alteração nos preços da semana anterior

Cereaes em 28 de Novembro.

Trigo do reino rijo	de 350 a 450	réis	a bordo.
» » molle	de 410 a 460	»	»
» da ilha	de 325 a 380	»	»
Milho do reino	de 230 a 240	»	»
» da ilha	de 190 a 200	»	»
Cevada do reino	de 190 a 200	»	»
» da ilha	de 170 a 180	»	»
Centeio do reino	de 210 a 215	»	»

Estado do mercado, em 28 de Novembro.

Algodão de Pernambuco 115 a 120 rs. — Dito do Maranhão 100 a 110 rs. — Dito da Bahia 105 a 110 rs. — Houve pequenas vendas para o consumo.

Assucar de Pernambuco B. 1.ª e 2.ª sorte 1$400 a 1$550 rs., 3.ª e 4.ª dita 1$300 a 1$350 rs., 5.ª e 6.ª dita 1$200 a 1$250 rs. — Do Rio dito 1$250 a 1$350 rs. — Da Bahia dito 1$200 a 1$350 rs. — Das Alagôas dito 1$200 a 1$250 rs. — Do Pará, bruto 900 a 1$000 rs. — Mascavado novo 1$050 a 1$100 rs., dicto velho 850 a 1$000 rs. Limitam-se as poucas vendas para o consumo.

Cacáu 1$700 a 1$750 rs. — Preços nominaes.

Caffé, 1.ª sorte 2$100 a 2$200 rs. — 2.ª dita 1$850 a 1$900 rs. — 3.ª dita 1$700 a 1$750 rs. — Dito Escolha 1$050 a 1$100 rs. — Continúa a escacez deste artigo, tendo havido algumas pequenas vendas para embarque.

Cera de Angola B. 230 a 235 rs. — Dita A. 225 a 226 rs. — Houve mais algumas vendas para reexportar.

Marfim de lei 950 a 1$100 rs. — Dito meão 830 a 850 rs. — Dito escravelho 550 a 650 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

Urzella 5$800 a 6$000 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

EXPEDIENTE.

Agradecemos ao Sr. Antonio Pedro de Salos a sua mui util carta de 21 do corrente.

As poesias do Sr. Bingre serão publicadas.